

EM HOMENAGEM AO PROFESSOR FARACO¹

IN HONOUR OF PROFESSOR FARACO

Caetano W. Galindo²

É uma grande honra ter sido convidado para participar desta cerimônia. Agradeço, assim, à Reitoria, à Direção do Setor de Ciências Humanas e à Chefia do Departamento de Literatura e Linguística pela confiança que depositaram em mim.

O professor Carlos Alberto Faraco, que ingressou muito jovem nesta Universidade, teve uma carreira de vinte e quatro anos de vinculação ao que então era chamado de Departamento de Linguística, Letras Clássicas e Vernáculas. Nesses anos, ele atuou como docente na graduação e logo depois no recém-criado Programa de Pós-Graduação em Letras, além de ter sido também chefe do Departamento. Foi parte de uma geração que teve de lutar para estabelecer a autonomia universitária e a liberdade de trabalho, pesquisa e pensamento dentro das instituições públicas. Teve, como sabemos todos, uma carreira de gestor que foi fundamental para a história da UFPR: foi presidente da Associação dos Professores, Pró-Reitor de Graduação e finalmente Reitor da Universidade, entre 1990 e 1994, além de ter presidido a Associação Brasileira de Linguística, entre várias outras posições de destaque.

Mas, como eu dizia, nós todos sabemos disso. Foi essa carreira mais do que sólida que o levou a se aposentar da UFPR como professor titular. O que me interessa,

¹ Discurso proferido em homenagem ao professor Carlos Alberto Faraco, por ocasião da outorga do título de Professor Emérito, em 26/04/22.

² UFPR.

aqui, é dar destaque ao que aconteceu depois dessa aposentadoria. E para isso eu preciso falar mais diretamente de linguística, e preciso adotar um ponto de vista talvez mais pessoal.

Naquele momento da sua aposentadoria, em março de 1998, o professor Faraco sentou para conversar comigo, então seu orientando, para me passar as informações da turma de Filologia Românica, que eu assumiria ainda com o semestre em andamento. Eu tinha sido aprovado em concurso no começo daquele ano, e desde aquele dia venho ocupando a impossível posição de “substituto” de Carlos Alberto Faraco. No entanto, uma única razão permitiu que essa alteração do corpo docente não resultasse em completo e estrondoso fracasso: o fato de que o professor Faraco, nesses anos todos, continuou me ajudando. A mim e a mais de uma geração de professores e de professoras. Porque nesses anos de aposentadoria ele desenvolveu toda uma nova carreira, produzindo num ritmo atordoante que garantiu que se mantivesse à frente de vários campos da pesquisa linguística.

Uma breve olhada no seu currículo revela a publicação de vinte e sete artigos, trinta e quatro capítulos e nada menos que vinte e cinco livros nesses anos pós-aposentadoria. Mesmo se quisermos descontar as reedições atualizadas de alguns de seus textos mais importantes e os volumes organizados por ele, ficamos com dezessete livros inéditos. Em campos como os estudos bakhtinianos, a história da linguística, os estudos da norma culta brasileira, a prática de texto e a linguística histórica do português.

Nesta última área, justamente aquela em que eu atuei nestes outros vinte e quatro anos, ele não apenas se manteve como figura de destaque, mas na verdade refundiu completamente o campo de estudos, criando toda uma nova linha de pensamento em torno do que ele mesmo chamou de “história sociopolítica” do nosso idioma.

A cada vez que eu e tantos outros colegas preparamos um novo semestre de história do português, pudemos contar com a direção segura que nos era dada, naquele ritmo constante e assustador de publicação, pela pesquisa de Carlos Alberto Faraco. Graças ao trabalho dele, nosso campo de estudo foi se alterando, largando as últimas marcas da filologia do século XIX e se modernizando para responder a novas questões de uma sociedade também nova, para incluir em sua reflexão as mazelas, as exclusões, os silenciamentos, tensionamentos e também as maravilhas da complexidade infinita da realidade da sociedade brasileira e da intrincada relação entre o idioma que viemos a falar e a construção desse país que ainda tentamos contruir de fato. E nisso também fomos guiados pelo trabalho do professor Faraco, que abriu portas, mostrou caminhos e continuou à frente de toda uma nova geração de pesquisadores que surgiu durante esses anos da sua aposentadoria.

Uma carreira brilhante já seria distinção suficiente. Mas o fato é que Carlos Alberto Faraco teve (até aqui!) duas vidas inteiras de impacto sobre a universidade e a linguística brasileira.

Se um dos hábitos linguísticos mais nobres da academia é o de podermos continuar a chamar de “meu orientador” o professor que conduziu nossa formação décadas atrás, eu, nesse caso, me vejo também acompanhado por toda a linguística brasileira neste agradecimento à primeira e à segunda carreira do professor Carlos Alberto Faraco, que continua nos mostrando o caminho, nos orientando a todos, e nos levando pela mão.